

A brincar, a rir, no entanto, absolutamente sério

Liam Ryan exerce arquitetura na Irlanda e tem vindo a facilitar o PEP na prisão de alta segurança de Portlaoise, perto de onde vive, desde o início de 2014.

A maciça porta metálica da prisão fecha com um ruído surdo. E fico livre! Livre do verão indiano que se dissolve num inverno sombrio, livre de semáforos ridiculamente lentos, livre do colapso económico e do tocar incessante do telemóvel. Fechando-me, libertando-me, deixando-me escapar. Estamos lá dentro. A porta bate estremecendo.

É mais uma semana do Programa de Educação para a Paz. Estamos na semana 10, a última da atual série de sessões. O meu amigo John acompanha-me ao entrarmos na Prisão de Portlaoise para facilitar a sessão.

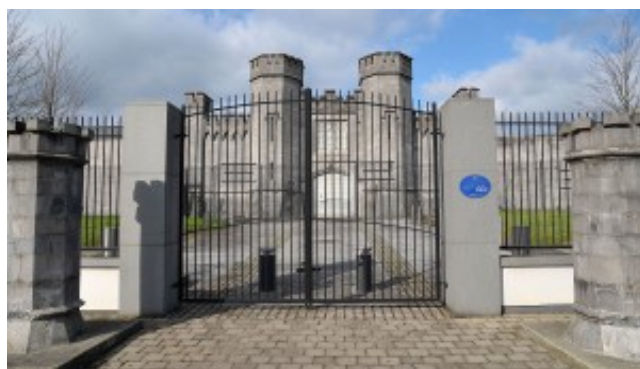
Estamos no interior da Irlanda. O PEP teve aqui início em janeiro de 2014, quando só tínhamos dois reclusos a participar. O segundo PEP cresceu e, durante o terceiro, a participação chegou aos 28, antes de estabilizar numa média regular de 15 reclusos.

Esperamos alguns minutos por Eddie, um guarda prisional muito prestável que chega para nos levar através dos procedimentos de segurança ao longo da instalação prisional. É uma prisão de alta segurança, construída na década de 1830 com altos muros de pedra encimados por arame farpado. É enervante ver soldados a patrulhar ao longo dos parapeitos, à medida que passamos pelas doze portas e portões até chegarmos à sala de aula.

Colocamos cerca de 16 a 20 cadeiras, preparamos o sistema audiovisual e a sessão 10 está pronta para arrancar.

Os 15 reclusos vão entrando, em grupos de dois e de três, com saudações, apertos de mão, comentários e brincadeiras. Já os conhecemos. Dois deles estão a acabar o seu segundo PEP. Outros poderão cá estar pelo Certificado de Participação, que poderá ajudar na redução da pena ou no pedido de transferência para uma prisão aberta. A maioria tem penas de longa duração, de cinco anos ou mais; alguns cumprem prisão perpétua.

Tomo nota das presenças, recordando os nomes; o tipo com a *t-shirt* do Manchester United merece uma piada; o tipo com as cores do meu próprio condado está ansioso por discutir a final de *hóquei irlandês*. Falo a um deles sobre passear na bela praia de Curracloe perto da casa dele e pergunto-lhe se podemos falar sobre coisas lá de fora. Claro que sim; ele fica encantado por me falar dos diversos percursos e lugares perto da sua casa.



O John chama a atenção de todos e a música introdutória acalma o ambiente. Eu sento-me numa cadeira no meio deles; não sou diferente; preciso de ouvir. Prem Rawat é enérgico e claro ao falar sobre contentamento. E com tanto sentido de humor. Os reclusos vão ouvindo, concentrando-se; faz-se silêncio, está tudo sossegado na sala. Ouve-se só a voz de Prem Rawat, a brincar, a rir, no entanto, absolutamente sério. Dois deles acotovelam-se, empurram-se um ao outro, riem à socapa por alguns minutos. Mas rapidamente a concentração volta; seguimos todos ao sabor da maré de Prem Rawat. Somos levados, puxados, empurrados.

Os reclusos fazem breves comentários durante a reflexão. Um deles, o Martin, diz: **“É muito reconfortante, muito comovente, muito agradável. Precisamos de nos ligar e prestar atenção ao que Prem Rawat está a dizer.”**

Até que tudo acaba quando menos esperamos. Conversamos uns momentos antes de eles saírem para fazer telefonemas ou regressar às celas. Somos escoltados de volta através da dúzia de portas e portões – “dispensados” para uma noite fria de outubro em Portlaoise. Dispensados, mas compensados!